

**Cultura material da pesca artesanal no currículo intercultural
da Educação de Jovens e Adultos na comunidade
do Tamatateua em Bragança- PA**

***Material culture of artisanal fishing in the intercultural
curriculum of Youth and Adult Education in the Tamatateua
community in Bragança- PA***

***Cultura material de la pesca artesanal en el currículo
intercultural de la educación de jóvenes y adultos
en la comunidad de Tamatateua en Bragança- PA***

Rogério Andrade Maciel

Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará/PA–Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-1673-5215>

rogeriom@ufpa.br

Nalison Gustavo Farias da Costa

Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará/PA–Brasil

<https://orcid.org/0009-0009-7008-5971>

gustavofariasst@gmail.com

Resumo

Este artigo teve por objetivo analisar a cultura material da pesca artesanal no currículo Intercultural da Educação de Jovens e Adultos na comunidade do Tamatateua em Bragança-PA. Metodologicamente utiliza a Abordagem da Nova História Cultural (NHC), com o uso da pesquisa de campo, de fotografias e entrevistas semiestruturadas com dois pescadores. Os resultados apontam que a cultura material da pesca artesanal está constituída pelos seguintes apetrechos, a saber: o Espinhel; o Musuá; a Tarrafa e as Redes de pesca, estes que apresentam conhecimentos sobre os saberes e práticas dos pescadores, seus impactos econômicos e sociais e o seu desenvolvimento no território amazônico. A partir dos resultados, é fato que há a necessidade de integrar os saberes locais da pesca no currículo da EJA, pois isso representa uma oportunidade de promover uma educação intercultural, que respeite as vivências dos alunos, seus modos de vida tradicionais e a preservação de bens culturais, advindos da comunidade do Tamatateua, em Bragança, Estado do Pará, Brasil.

Palavras-chave: cultura material, pesca, currículo intercultural, EJA.

Abstract

This article aimed to analyze the material culture of artisanal fishing in the Intercultural Curriculum of Youth and Adult Education in the Tamatateua community in Bragança-PA. Methodologically, it utilizes the New Cultural History (NHC) approach, employing field research, photographs, and semi-structured interviews with two fishermen. The results indicate that the material culture of artisanal fishing consists of the following tools, namely: the Espinhel; the Musuá; the Tarrafa and fishing nets, which reflect knowledge about the skills and practices of fishermen, their economic and social impacts, and their development in the Amazonian territory. Based on the results, it is a fact that there is a need to integrate local fishing knowledge into the curriculum of Adult Education (EJA), as this represents an opportunity to promote an intercultural education that respects students' experiences, their traditional ways of life, and the preservation of cultural assets derived from the Tamatateua community in Bragança, State of Pará, Brazil.

Keywords: material culture; fishing; intercultural curriculum; EJA.

Resumen

Este artículo tuvo como objetivo analizar la cultura material de la pesca artesanal en el currículo Intercultural de la Educación de Jóvenes y Adultos en la comunidad de Tamatateua en Bragança- PA. Metodológicamente utiliza el Enfoque de la Nueva Historia Cultural (NHC), con el uso de la investigación de campo, fotografías y entrevistas semiestructuradas con dos pescadores. Los resultados indican que la cultura material de la pesca artesanal está constituida por los siguientes utensilios, a saber: el Espinhel; el Musuá; la Tarrafa y las Redes de pesca, los cuales presentan conocimientos sobre los saberes y prácticas de los pescadores, sus impactos económicos y sociales y su desarrollo en el territorio amazónico. A partir de los resultados, es un hecho que existe la necesidad de integrar los conocimientos locales de la pesca en el currículo de la EJA, ya que esto representa una oportunidad para promover una educación intercultural, que respete las vivencias de los alumnos, sus modos de vida tradicionales y la preservación de bienes culturales, provenientes de la comunidad de Tamatateua, en Bragança, Estado de Pará, Brasil.

Palabras-clave: cultura material; pesca; currículo intercultural; EJA.

Resumé

Cet article avait pour objectif d'analyser la culture matérielle de la pêche artisanale dans le curriculum intercultural de l'éducation des jeunes et des adultes dans la communauté de Tamatateua à Bragança-PA. Méthodologiquement, il utilise l'approche de la Nouvelle Histoire Culturelle (NHC), avec l'utilisation de la recherche de terrain, de photographies et d'entretiens semi-structurés avec deux pêcheurs. Les résultats montrent que la culture matérielle de la pêche artisanale est constituée des équipements suivants : l'Espinhel ; le Musuá ; la Tarrafa et les filets de pêche, qui présentent des connaissances sur les savoirs et pratiques des pêcheurs, leurs impacts économiques et sociaux, et leur développement sur le territoire amazonien. À partir des résultats, il est évident qu'il est nécessaire d'intégrer les savoirs locaux de la pêche dans le curriculum de l'EJA, car cela représente une opportunité de promouvoir une éducation interculturelle, qui respecte les expériences des élèves, leurs modes de vie traditionnels et la préservation des biens culturels issus de la communauté de

Tamatateua, à Bragança, dans l'État du Pará, Brésil.

Mots-clés: culture matérielle, pêche, programme interculturel, EJA.

1 Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar a cultura material da pesca artesanal no currículo Intercultural da Educação de Jovens e Adultos na comunidade do Tamatateua em Bragança- PA. Para isso, os artefatos culturais da pesca são acionados como elementos fundantes, presente no cotidiano dos pescadores dessa comunidade.

De acordo com Maciel, Figueirêdo e Silva (2024), na Amazônia Brasileira, em específico nos territórios amazônicos paraense, há uma problemática a ser superada no campo das políticas curriculares, quais sejam: os diálogos e a valorização dos saberes locais (conhecimentos tradicionais) com os saberes científicos para compreensão de que “não há saber mais ou saber menos, e sim saberes diferentes”, como anuncia Freire (1996, p. 68). A relevância nesses diálogos reverbera o debate com as culturas a serem tecidas pelas populações de comunidades tradicionais, incluindo as culturas materiais de populações, oriundas da pesca artesanal.

Conforme Funari e Vieira (2009):

[...] a cultura material é tudo aquilo que é produzido ou modificado pelo ser humano, ou seja, tudo aquilo que faz parte do cotidiano da humanidade, independente do tempo ou mesmo do espaço. São objetos ou artefatos criados e usados pelas sociedades humanas, que têm valor histórico e cultural (Funari; Vieira, 2009, p. 4).

Assim, a cultura material inclui os objetos do cotidiano, os instrumentos científicos, as obras de arte e outros elementos significativos para a história de uma sociedade, pois o debate sobre a cultura material é provindo pela defesa da preservação de determinados bens culturais, conforme anunciam Maciel, Figueirêdo e Silva (2024).

A cultura material é um elemento central para a compreensão das sociedades humanas, englobando tanto os artefatos físicos quanto os seus significados e relações que lhes são atribuídos ao longo do tempo histórico. Embora sua presença na história humana seja incontestável, seu conceito consolidou-se apenas na segunda metade do século XIX, no âmbito dos estudos da Pré-História. Segundo Tilley (2008, p. 19), “a materialidade dos objetos permite experiências sensoriais que não podem ser plenamente traduzidas em palavras, ao mesmo tempo em que representam relações sociais e simbolismos, levando à noção de objetificação.” Nesse contexto, a objetificação aproxima sujeitos e objetos, estabelecendo vínculos de identidade e memória.

Desse modo, as culturas materiais têm sido analisadas e discutidas nos diferentes contextos sociais e têm conhecimentos que, na maioria das vezes, são negligenciados no campo da Educação, em seus programas escolares, nas disciplinas, nas instituições educativas e seus currículos. Por esse motivo, a relação das culturas materiais e currículos, em contextos amazônicos, tem sido objeto profícuo de nossa análise que, neste artigo, é no âmbito da cultura da pesca, seus sujeitos, artefatos, saberes e práticas que corroboram com outras perspectivas de se fazer currículos.

Segundo Candau (2018, p. 49), “o currículo intercultural é uma abordagem educacional que valoriza a diversidade cultural, buscando integrar e reconhecer os saberes, as práticas e as tradições de diferentes grupos.” O currículo é o conjunto de experiências de aprendizagem que são planejadas e organizadas com o objetivo de promover o desenvolvimento de competências, habilidades, conhecimentos e atitudes nos alunos. Portanto, o currículo intercultural, pode ser entendido como o caminho educacional que o estudante segue ao longo de sua formação escolar ou acadêmica, englobando as disciplinas, atividades, metodologias e conteúdo que são oferecidos em uma instituição de ensino.

Para Freire (2016), Candau (2008) e Oliveira (2005), o currículo não deve ser transmitido apenas pela cultura historicamente acumulada, visto que, as crianças, jovens, adultos e idosos ao adentrarem na escola têm suas experiências culturais, em essência, dessa forma, a proposta de currículo intercultural não limita-se em "adicionar" conteúdos sobre outras culturas, e sim a repensar a estrutura e as práticas pedagógicas, de modo que a diversidade cultural seja a base para a construção de um conhecimento amplo, crítico e socialmente relevante, comprometida com os excluídos.

O conceito de interculturalidade é central à (re)construção de um pensamento crítico, “precisamente porque está vivido e pensado desde a experiência vivida da colonialidade” (Candau, 2008, p. 37).

Assim, nossa questão problema centra-se na seguinte indagação: até que ponto os artefatos culturais usados na pesca, enquanto cultura material da pesca artesanal, são orientadores de currículos interculturais para a EJA na comunidade do Tamatateua? Tal indagação focaliza-se na relação entre a cultura material e os processos de construção de currículos ativados nas memórias dos pescadores, de suas identidades, do seu contexto sociopolítico, da diversidade cultural com a pesca e o espaço geográfico e das relações socioeconômicas nesta prática produtiva.

2 Metodologia

O artigo usa a abordagem Nova História Cultural (NHC) por representar um campo histórico multifacetado que emergiu no final do século XX, buscando transcender os limites das abordagens tradicionais ao incorporar elementos de diversas disciplinas, como a antropologia, a sociologia, a literatura e a história da arte. Em sua essência, a NHC dedica-se a analisar as práticas culturais, os significados atribuídos pelos indivíduos aos seus mundos e as representações simbólicas que moldam as sociedades em diferentes épocas (Chartier, 1990; Burke, 2005).

Ao invés de focar exclusivamente em grandes eventos políticos ou econômicos, a NHC ‘debruça-se’ sobre o cotidiano, as mentalidades, as emoções, as identidades e as formas como o poder é negociado e contestado no âmbito da cultura, utilizando uma ampla gama de fontes, desde documentos oficiais até narrativas pessoais e artefatos culturais. Por esse motivo, é usado o campo teórico das práticas culturais e a produção de saberes com o pressuposto teórico da NHC, com as experiências de vida dos pescadores na comunidade do Tamatateua.

O *lôcus* da investigação foi no Maretório¹, localizado na comunidade do Tamatateua situada a 18 km do município de Bragança, região nordeste do estado do Pará, na costa amazônica brasileira. Foi neste território que identificou-se os apetrechos da pesca artesanal, as práticas pesqueiras, os saberes tradicionais e as dinâmicas sociais dessa comunidade.

A investigação caracteriza-se como uma pesquisa de campo. Essa que, na comunidade do Tamatateua, permitiu o encontro com os pescadores, cujas narrativas foram fundantes para a compreensão da cultura material. Esse tipo de pesquisa é definido como uma estratégia metodológica que busca informações diretamente na realidade empírica, isto é, no local em que os fatos manifestam-se. Segundo Gil (2008, p. 58), “ela consiste na observação dos fatos e coleta de dados no próprio local, onde ocorrem ou se encontram, permitindo ao pesquisador contato direto com o objeto de estudo e com os sujeitos envolvidos.”

Portanto, a pesquisa de campo possibilitou uma aproximação concreta com a prática da pesca na comunidade de Tamatateua, no município de Bragança (PA). Ao estar presente na comunidade, foi possível observar de forma direta as atividades pesqueiras, os

¹O termo maretório designa a parte costeira nos quais a vida social, cultural e econômica das comunidades está profundamente ligada ao ambiente das *marés*. Trata-se de um conceito que enfatiza a relação dinâmica entre mar e terra, abrangendo áreas de manguezais, praias, rios e estuários, onde as práticas tradicionais, como a pesca, dependem dos ciclos das águas e das marés (Porto-Gonçalves, 2006).

saberes tradicionais, as técnicas utilizadas, bem como as dinâmicas sociais que envolvem a pesca como prática de subsistência e identidade cultural local. Essa vivência permitiu captar informações que dificilmente seriam obtidas apenas por meio de fontes bibliográficas, pois envolvem aspectos do cotidiano, experiências subjetivas e práticas coletivas que se revelam na interação com os próprios pescadores e o ambiente.

A coleta de dados foi delineada por dois instrumentos metodológicos: o uso de fotografias e as entrevistas semiestruturadas. Os registros fotográficos foram usados para descamar a realidade da comunidade e das práticas pesqueiras. Cabe ressaltar que para realizar os estudos sobre cultura material, se faz importante o uso da interpretação das fotografias dos artefatos, nesta pesquisa, os artefatos nas comunidades pesqueiras das Amazônias. Para Kossoy (2001, p. 11), “a fotografia não é apenas um registro visual, mas um documento histórico e cultural que preserva memórias e materializa práticas sociais.”

A coleta de dados foi realizada com base no uso de entrevistas semiestruturadas, com os pescadores. Segundo Gil (2008, p. 50), “é uma estratégia metodológica que busca informações diretamente na realidade empírica, permitindo contato imediato com o objeto de estudo e com os sujeitos envolvidos”. De acordo com Minayo (2016, p. 86), “a entrevista semiestruturada é um recurso central para representações, significados e experiências sociais, permitindo captar a riqueza da narrativa dos sujeitos; registros fotográficos dos artefatos e práticas cotidianas”. Essa técnica, de acordo com autores, como Manzini (2006), “combina um roteiro flexível com a possibilidade de aprofundar temas emergentes, permitindo capturar as narrativas em seus contextos reais.”

As entrevistas do tipo semiestruturada, foram conduzidas com dois pescadores, conhecidos pelos nomes de "Diél" e "Jenivaldo". O primeiro contato com esses dois pescadores foi feito em fevereiro de 2025, para agendamento, assinaturas de documentos e estabelecimento de confiança. O segundo encontro foi feito em abril de 2025 para a entrevista com os dois pescadores citados.

Cabe ressaltar que a definição dos interlocutores orientou-se por sua inserção sociocultural na comunidade de Tamatateua e pela densidade de suas trajetórias no universo da pesca artesanal local. Ambos os participantes apresentam forte vinculação com as práticas e os saberes tradicionais da comunidade, o que possibilitou apreender, em profundidade, dimensões da cultura material e das experiências formativas enquanto produção de conhecimentos no contexto investigado.

Nessa perspectiva, em consonância com os pressupostos da Nova História Cultural com cunho da pesquisa qualitativa, privilegiou-se a densidade analítica das narrativas,

compreendendo que tais trajetórias são significativas para a interpretação do fenômeno estudado.

Para a realização das entrevistas, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a pesquisa seguiu as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil², com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n.º 82198324.2.0000.0018.

3 Resultados e discussão

A comunidade de Tamatateua é uma comunidade agropesqueira com mais de 200 anos de história. Localizada na Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, a comunidade tem sua economia baseada na pecuária, agricultura, extração de caranguejo e pesca artesanal. O nome "Tamatateua" tem origem tupi-guarani, associada a um peixe local. As práticas pesqueiras predominantes na região são a captura de caranguejo, realizada pelos próprios moradores, e a pesca de peixes, que atrai pescadores de comunidades vizinhas. Nesse território há inúmeras culturas que são tecidas pelas materialidades de diferentes apetrechos da pesca.

Para Brandão (1985):

tal como a natureza onde vivemos e de quem somos parte, também a cultura não é exterior a nós. A diferença está em que o "mundo da natureza" nos antecede, enquanto o "mundo da cultura" necessita de nós para ser criado, para que ele, agindo como um criador sobre os seus criadores, nos recrie a cada instante como seres humanos (Brandão, 1985, p. 22).

Assim, a cultura não é estática, pois, à medida que somos natureza, vamos reinventado os saberes e práticas culturais que perpetuam-se até hoje pela tradição oral, ou, 'sofrem' rupturas pela lógica de cada contexto sociocultural. Logo, essa criação de culturas está eminentemente enraizada em nosso interior enquanto seres humanos.

Em relação ao contexto histórico da comunidade de Tamatateua, o primeiro registro em cartório sobre a posse de terra na comunidade foi na data de 1817, em nome de José Lisboa da Silva, sendo um dos pioneiros da ocupação da localidade chamada "Enseada Funda"³. A geografia da região sempre representou desafios para os moradores,

² O resultado deste artigo está vinculado ao projeto de pesquisa "Cultura Material da Pesca e a Proposição do Currículo na Educação de Jovens e Adultos Profissional em Bragança, Estado do Pará, Brasil", aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2021) e, posteriormente ao Comitê de Ética na Plataforma Brasil, no ano de 2024.

³ Conforme Araújo e Silva (2012), "Ensaíada Funda" caracteriza-se como um local de difícil acesso, especialmente no período de inverno, quando os campos ficam inundados.

especialmente durante o inverno, quando os campos ficavam alagados e dificultavam o transporte. No entanto, a comunidade se estabeleceu e cresceu ao longo dos séculos, apesar das dificuldades de infraestrutura. Outro marco na história de Tamatateua ocorreu em 1895, quando Domiciliano do Nascimento Farias, um dos habitantes locais, solicitou oficialmente a concessão de marca e carimbo para seu rebanho de gado, indicando o desenvolvimento da pecuária como uma atividade econômica complementar.

No século XX, a falta de acesso a serviços básicos, como estradas, energia elétrica e educação, motivou os moradores a organizarem-se em busca de melhorias, como a fundação da Associação de Moradores, em 1999 que foi um ponto crucial para as reivindicações comunitárias, impulsionando a luta por direitos e a infraestrutura. Já a economia de Tamatateua sempre esteve ligada aos recursos naturais, com destaque para a pesca, a pecuária e a agricultura (milho, feijão e mandioca).

A comunidade tornou-se um importante polo na extração e comercialização do caranguejo, atividade que levou à criação do Festival do Caranguejo em 1991. Esse evento anual, realizado em outubro, fortalece a identidade cultural local e promove o desenvolvimento econômico. Além da pesca e da pecuária, a venda de mel tornou-se recentemente uma nova alternativa econômica para os moradores. Esses elementos mostram como a comunidade adapta-se às transformações do tempo, preservando suas tradições e lutando pelo progresso.

A fotografia a seguir, mostra o *lôcus* da pesquisa, a comunidade do Tamatateua.

Fotografia 1 – Comunidade Pesqueira de Tamatateua



Fonte: Acervo fotográfico particular do autor, 2025.

A pesca em Tamatateua é predominantemente artesanal, e os artefatos utilizados refletem o conhecimento e as tradições locais. Os apetrechos, como espinhel, Musuá, anzol, tarrafa e rede, não restringem-se à condição de instrumentos técnicos, mas configuram-se

como extensões das capacidades dos pescadores, participando da constituição de saberes e práticas forjados nas experiências e nas aptidões desenvolvidas na interação com os artefatos de pesca.

3.1 Apetrechos da pesca na comunidade do Tamatateua e suas implicações nos currículos interculturais amazônicos

Para Gell (1992, p. 43), os apetrechos enquanto elementos da cultura material, tem um papel ativo, atribuindo-lhes um poder quase mágico que os conecta ao mundo das ideias e dos sentimentos. Logo, ela não deve ser entendida como um reflexo passivo da cultura, mas como parte integrante do fenótipo humano, atuando de forma dinâmica e em constante transformação. Buchli (2001, p. 14) “destaca sua capacidade de subverter seu próprio valor de uso por meio da fetichização e recontextualização, evidenciando sua natureza dinâmica”.

Essa cultura fez-se presente nas duas entrevistas realizadas, onde percebeu-se que ela é do tipo artesanal e, em algumas áreas vizinhas, também é praticada a pesca esportiva, como relatado pelo pescador Seu “Diél”, da comunidade do Tamatateua. O quadro a seguir, demonstra os diferentes apetrechos e seus valores usados na pesca em Tamatateua.

Quadro 1 – Especificação dos apetrechos da pesca

APETRECHOS	VALORES
ESPINHEL	R\$ 70,00
MUZUÁ	R\$ 250,00
ANZOL	R\$ 1,00
TARRAFA	R\$ 600,00 a 700,00
REDE	R\$ 200,00

Fonte: Narrativas dos entrevistados, 2025.

Conforme o quadro apresentado, o **Espinhel**, avaliado em R\$ 70,00 é utilizado para a captura de peixes maiores, enquanto o **Musuá**, com um custo de R\$ 250,00 é um covô cônico especializado para a extração de crustáceos e peixes. Essencial para a pesca individual, o **Anzol** tem um valor acessível de R\$ 1,00. A **Tarrafa**, uma rede de arremesso circular, é um dos itens mais caros, custando entre R\$ 600,00 a R\$ 700,00. Já as **Redes** de pesca, por sua vez, apresentam custos e funcionalidades variadas e diversas dimensões e malhas, é encontrada por R\$ 200,00.

Esses apetrechos não são apenas ferramentas de trabalho e apresentam uma função técnica, mas são elementos centrais da economia e da cultura local, demonstrando a relação intrínseca entre os pescadores e seu ambiente com os diferentes tipos de pesca, seus saberes

e prática cultural.

A pesca artesanal com o espinhel ocorre por meio da técnica de ocupação extensiva do espaço aquático, baseada na espera e na distribuição estratégica de anzóis em ambientes como marés e rios. A prática depende de um conhecimento detalhado sobre os ciclos das marés e os deslocamentos dos peixes. Dessa forma, o uso do espinhel constitui disposições associadas ao planejamento e ao mapeamento territorial. O pescador de espinhel constrói seus sentidos e significados com base na relação contínua com as variações do espaço.

A pesca artesanal com o Muzua “[...] só pega com isca fedendo” (informação verbal)⁴, exigindo um conhecimento voltado ao comportamento dos animais, o que revela uma técnica fundada na mediação sensorial. Nesse contexto, a prática cultural depende menos da força física e mais de um saber prático que permite ao pescador calibrar o uso da técnica e agir no momento oportuno.

A prática utilizada na pesca artesanal com o anzol materializa-se em uma relação de precisão, evidenciada na variação dos tamanhos dos números de 5 a 12, cada qual destinado a uma espécie específica. Essa técnica implica uma relação direta e sensível. Como discute Sautchuk (2007, p. 183), o pescador estabelece um contato mediado pelo tato, “sentindo” o peixe antes mesmo de visualizá-lo. Esse engajamento produz uma pessoa marcada pela prontidão e por uma coordenação fina entre corpo e instrumento.

Já a tarrafa sobressai por seu caráter prático, uma vez que o gesto técnico exige que corpo e rede atuem de forma articulada no momento do lançamento. Tal prática cultural depende, assim, da incorporação do artefato ao corpo do pescador, de modo que ambos atuem em conjunto. Por fim, a rede configura-se como um apetrecho de maior investimento material e complexidade técnica. Seu uso articula o pescador a uma escala ampliada de operação, exigindo a gestão dos fluxos de cardumes, do tempo e dos recursos econômicos.

Conforme argumenta Sautchuk (2007, p. 295), o pescador não simplesmente utiliza artefatos, mas se forma na relação com eles, pois o uso de diferentes apetrechos implica distintos modos de ser. Desse modo, anzóis e redes, por exemplo, participam ativamente da produção das habilidades e percepções que definem o que é ser pescador no estuário amazônico.

Nessa perspectiva, a técnica na pesca artesanal não se reduz a um mero instrumento externo, mas constitui uma dimensão fundamental da vida social, do corpo e dos modos sensoriais, que possibilitam a construção de identidades em torno do fazer, dos saberes e do

⁴ Entrevista Pescador 1, Jenivaldo, 2025.

ser pescador, nos múltiplos territórios socioculturais da Amazônia.

Dessa forma, o estudo da cultura material é essencial para compreender as dinâmicas sociais, políticas e históricas que moldam as sociedades. Segundo Brandão (1985, p. 22), “tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como objetos e os utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de: cultura”.

Desse modo, ao analisar como os objetos são produzidos, apropriados e ressignificados ao longo do tempo, é possível não apenas interpretar vestígios do passado, mas também questionar as estruturas de poder que definem quais memórias são preservadas e transmitidas às futuras gerações.

Quanto à comercialização, os preços dos pescados também variam: pescada entre R\$ 35,00/kg e R\$ 40,00/kg; Pratiqueira de R\$ 15,00/kg a R\$ 20,00/kg; e Uratinga em torno de R\$ 10,00/kg, Caranguejo R\$ 20,00 e a Corvina R\$ 15,00/kg. Esses valores reforçam a importância da atividade não apenas como prática cultural, mas como eixo econômico fundamental da comunidade de Tamatateua. Os pescados capturados na comunidade têm preços variáveis, conforme a espécie e tamanho, como é visto no quadro seguinte:

Quadro 2 – Especificação dos tipos de peixes e seus valores

PESCADOS	VALORES
PESCADA	R\$ 35,00 kg
CORVINA	R\$ 15,00 kg
PRATIQUEIRA	R\$ 20,00 kg
URINTIGA	R\$ 10,00 kg
CARANGUEJO	R\$ 20,00
BAGRE	R\$ 20,00 kg

Fonte: Narrativas dos entrevistados, 2025.

As narrativas dos pescadores no Quadro 2, revelam a pluralidade de significados atribuídos à pesca. Para Jenivaldo, pescar “[...] é uma prática que pode ser compreendida como esporte, associada ao prazer e ao lazer”. Já Diél enfatiza a dimensão da “[...]responsabilidade, do sustento e da sobrevivência familiar”.

“Essa diversidade de narrativas confirma que a pesca artesanal extrapola sua função produtiva, constituindo-se também em espaço de identidade, lazer e memória coletiva”, conforme Andrade (2011, p. 17). A pesca, como atividade produtiva, tem uma função econômica central para muitos indivíduos na comunidade do Tamatateua. No entanto, também pode ser encarada como significado de uma prática de lazer e prazer pessoal. As falas analisadas demonstram a coexistência de diferentes práticas e saberes da pesca dentro

de um mesmo contexto sociocultural.

Miller (2010) diz que:

a cultura material está sempre presente na vida humana. Nascemos, crescemos e morremos interagindo com as mais diversas materialidades, criadas dentro de diferentes propósitos: são as estruturas, objetos e modificações que compõem os nossos espaços de lazer, trabalho, moradia, entre inúmeras outras possibilidades (Miller, 2010, p. 2).

A diversidade de percepções entre os pescadores reflete a complexidade das atividades produtivas na sociedade contemporânea, onde as fronteiras entre trabalho e lazer tornam-se cada vez mais fluidas. Para eles, essa profissão tem significados importantes em seu trabalho com a pesca e em ser pescador artesanal:

[...] É uma profissão e ao mesmo tempo se torna um esporte para mim [...] (informação verbal)⁵.

[...] Ah, pescador é... É uma responsabilidade que a gente vai pra adquirir o pão de cada dia, né? Pescar pra você alimentar a família, os filhos. E pra a gente se alimentar a gente mesmo, também que somos os pescadores [...] (informação verbal)⁶.

A pesca é uma atividade que pode ser compreendida sob diferentes perspectivas, pois abrange tanto o aspecto profissional quanto o recreativo. As falas apresentadas revelam essas duas dimensões da pesca e evidenciam a diversidade de significados atribuídos à prática por aqueles que a exercem. A análise das falas dos pescadores permite identificar diferentes construções discursivas sobre a pesca e cada um dos enunciados revela aspectos particulares que podem ser analisados sob três eixos: a função social da pesca, a identidade do pescador e a relação entre trabalho e lazer. Desse maneira, “as coisas materiais mudam porque as pessoas mudam” (Andrade, 2011, p. 13).

O segundo pescador enfatiza a pesca como uma responsabilidade e um meio de sobrevivência. Seu discurso está centrado na necessidade de garantir o sustento da família, evidenciando a dimensão econômica e social da atividade, em palavras, como: “responsabilidade”, “adquirir o pão de cada dia” e “alimentar a família” que reforçam esse posicionamento. “Os artefatos, por expandirem a aptidão dos indivíduos, na medida em que acrescentam a quem os utiliza habilidades e capacidades que eles não possuem naturalmente, os tornam mais aptos à sobrevivência” (Andrade, 2011, p.17).

Por outro lado, o primeiro pescador destaca a pesca como um esporte, uma

⁵ Entrevista Pescador 1, Jenivaldo, 2025.

⁶ Entrevista Pescador 2, Diél, 2025.

atividade que transcende a obrigação profissional e assume um caráter recreativo. Essa visão sugere uma relação distinta com a prática, mais voltada ao lazer e ao prazer individual do que à necessidade econômica.

A relação dos sujeitos com os objetos, constituem a cultura material e produz a formação da identidade. De acordo com Funari e Carvalho (2009, p. 7), “a cultura material são importantes portadores de mensagens e, por sua própria natureza, são usados pelos atores sociais para produzir significado, em especial ao materializar conceitos como identidade nacional e diferença étnica”

É na interação, diálogo e troca entre diferentes culturas, que deve ocorrer o respeito, a valorização e a produção de conhecimentos curriculares interculturais em contextos escolares, pois as culturas não devem ser vistas como isoladas ou opostas, e sim como elementos que podem se enriquecer mutuamente por meio do contato e do compartilhamento de experiências, conhecimentos e práticas.

Segundo Candau (2018, p. 37), “o currículo intercultural é uma abordagem educacional que valoriza a diversidade cultural, buscando integrar e reconhecer os saberes, as práticas e as tradições de diferentes grupos”. Para Oliveira (2015), o debate sobre interculturalidade deve ser compreendido a partir do viés de uma educação intercultural, fundamentada em princípios que reposicionam o sujeito no centro do processo educativo, como desafios práticos para a construção de uma proposta curricular intercultural.

Nesse sentido, destaca-se: (a) a constituição de uma educação intercultural ancorada no pensamento educacional de mulheres e homens enquanto sujeitos históricos e culturais; (b) o reconhecimento das diversidades e das culturas dos sujeitos como referenciais estruturantes das práticas educativas; e (c) a valorização das narrativas orais e escritas, bem como das experiências vividas, como campos de conhecimentos socialmente referenciados nos contextos escolares. Tais pressupostos articulam-se a uma perspectiva de educação crítica e emancipatória, na medida em que tensionam epistemologias hegemônicas e abrem possibilidades para a construção de outras racionalidades, como a de currículos interculturais nos espaços escolares.

Inserir esses elementos no currículo em contextos Amazônicos, significa reconhecer que a materialidade da pesca é, ao mesmo tempo, conhecimento técnico, histórico e cultural e constituído de saberes pesqueiros. A perspectiva da Nova História Cultural (Chartier, 1990; Burke, 2005) reforça esse entendimento ao destacar que práticas cotidianas, objetos e representações constituem fontes legítimas de saber histórico.

Nesse sentido, ao dialogar com a materialidade da pesca, a escola deve promover

um currículo vivo, conectado às realidades locais, valorizando os saberes tradicionais sem hierarquizá-los frente ao conhecimento, já construído historicamente nas instituições educativas.

Desse modo, as análises dos apetrechos da pesca indicam currículos interculturais para/nas instituições educativas, a saber: conhecimentos que valorizem as narrativas, seus sentidos e significados dos pescadores artesanais; a história da comunidade pesqueira de Tamatateua; os impactos da pesca na comunidade e no município de Bragança e no Estado do Pará; as mudanças climáticas e os impactos na pesca; a pesca e sua relação com a divisão do trabalho; a pesca e a sustentabilidade; os diferentes tipos de pesca: artesanal, industrial e esportiva; os valores econômicos e a heterogeneidade de apetrechos da pesca. Segundo Silva *et al.* (2024, p. 525), “no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essas práticas revelam um vasto potencial pedagógico”.

Para Reis (2017):

a educação intercultural crítica desafia os paradigmas tradicionais do ensino, promovendo o diálogo entre culturas. Um currículo intercultural, nessa visão, é uma ferramenta de emancipação. Ele não se limita a ensinar sobre outras culturas de forma folclórica ou superficial. Ele capacita os estudantes a questionar as hierarquias culturais, a lutar contra preconceitos e a se tornarem agentes ativos na busca por uma sociedade mais justa e equitativa (Reis, 2017, p. 38).

Esse currículo permite a construção de um ensino mais democrático, dando voz a diferentes grupos sociais e culturais, promovendo respeito e reconhecimento da diversidade. Portanto, integrar os saberes locais ao currículo representa uma oportunidade para promover uma educação intercultural, que respeite as vivências dos alunos e legitime os modos de vida tradicionais. São currículos orientados pela cultura material da pesca, advindos da realidade na comunidade do Tamatateua, em Bragança, Estado do Pará, Brasil.

4 Algumas considerações

É preciso considerar que a cultura material da pesca e sua interface com o currículo na comunidade do Tamatateua, oferece uma crítica sobre a preservação de bens culturais e científicos e propõe novas abordagens para a os diálogos entre os saberes tradicionais pesqueiros com os saberes científicos nas disciplinas escolares.

Em síntese, compreender a pesca artesanal como cultura material é reconhecer que seus apetrechos, práticas e significados não são apenas parte da vida produtiva, mas também do patrimônio cultural e educativo da comunidade de Tamatateua. Ao serem incorporados no currículo da EJA, esses elementos fortalecem a identidade local, promovem o diálogo

entre saberes e contribuem para a construção de uma educação intercultural crítica, democrática e socialmente relevante.

Dessa maneira, os artefatos culturais da pesca artesanal podem, sim, orientar currículos interculturais para a EJA, na medida em que possibilitam integrar saberes tradicionais e científicos, promovendo uma educação crítica, significativa e contextualizada.

Assim para constatar o nosso questionamento: até que ponto os artefatos culturais usados na pesca, enquanto cultura material da pesca artesanal, são orientadores de currículos interculturais para a EJA na comunidade do Tamatateua? Para isso, identificou-se e analisou-se que a cultura material da pesca artesanal, constituída na comunidade, é acionada pelos seguintes apetrechos, a saber: o Espinhel; o Musuá; a Tarrafa e as Redes de pesca, estes que, por sua vez, apresentam conhecimentos sobre os modos de vida dos pescadores, a pesca e seus impactos econômicos e sociais, os sentidos e os significados dos pescadores sobre e com os apetrechos da pesca artesanal e o desenvolvimento da pesca nos múltiplos territórios amazônicos.

Daí advém a necessidade de serem incorporados no currículo, pois esses apetrechos permitem valorizar o conhecimento dos pescadores, reconhecer sua importância histórica e social, e construir práticas educativas que respeitem e legitimem a diversidade, a interculturalidade e a educação na Amazônia.

A partir dessa perspectiva, a educação deixa de ser uma mera transmissão de conteúdos e transforma-se em espaço de reconhecimento, diálogo e emancipação. Portanto, os apetrechos da pesca não apenas orientam currículos, mas inspiram práticas educativas capazes de promover valorização social e a diversidade cultural. Assim, a partir dos resultados é fato que um currículo intercultural, fundamentado na cultura material da pesca em Tamatateua deve ser entendido como um espaço de diálogo entre contexto, sujeitos e práticas, no qual a materialidade dos apetrechos se converte em eixo de formação cidadã.

Referências

ANDRADE, C. A. de. *O papel da cultura material na expansão das capacidades humanas*. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ARAÚJO, D. da C.; SILVA, E. A. da. *Memórias e história do cotidiano: reflexões do processo educacional da comunidade de Tamatateua em Bragança-Pará*. Bragança: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), 2012.

BRANDÃO, C. R. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 1985.

- BUCHLI, V. Material culture: current practices, future possibilities. *In*: BUCHLI, V. (ed.). *The archaeology of material culture*. London: Routledge, 2001. p. 11-20.
- BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CANDAU, V. M. (org.). *Interculturalidade, direitos humanos e educação*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CANDAU, V. M. (org.). *Reinventar a escola na América Latina: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FUNARI, P. P. A.; VIEIRA, M. F. (org.). *Arqueologia da cultura material*. Dicionário da cultura material. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FUNARI, P. P.; CARVALHO, A. V. de. *Cultura material e patrimônio científico: discussões atuais*. 2009. Disponível em: (67) Cultura Material e Patrimônio científico. Acesso em: 14 fev. 2025.
- GELL, A. The technology of enchantment and the enchantment of technology. *In*: COOTE, J.; SHELTON, A. (ed.). *Anthropology, art, and aesthetics*. Oxford: Clarendon Press, 1992. p. 40-63.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KOSSOY, B. *Fotografia & história*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MACIEL, R. A.; FIGUEIRÊDO, A. M.; SILVA, L. H. dos R. Artes de fazer e remendar redes: cultura material da pesca e o currículo na Educação de Jovens e Adultos na Amazônia bragantina, estado do Pará, Brasil. *Revista Humanidades e Inovação*, v.11, n.2, nov. 2024. Disponível em: [file:///C:/Users/Rogério1/Downloads/9481-Texto%20do%20artigo-36113-1-10-20241125%20\(12\).pdf](file:///C:/Users/Rogério1/Downloads/9481-Texto%20do%20artigo-36113-1-10-20241125%20(12).pdf). Acesso em: 19 set. 2025.
- MACIEL, R. A.; FIGUEIRÊDO, A. M. Cultura Material da Puçá das Arrastadoras de Camarão e a Proposição do Currículo na EJA, Amazônia Bragantina: Material Culture of the Shrimp Draggers and the Proposition of the Curriculum in EJA, Amazônia Bragantina. **Revista Cocar**, [S. l.], n. 32, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9647>. Acesso em: 1 abr. 2026.
- MANZINI, E. J. (org.). *Entrevista semiestruturada*. São Paulo: Cortez, 2006.
- MILLER, D. (ed.). *Stuff*. Cambridge: Polity Press, 2010.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil*. Curitiba: Editora CRV, 2015.

PORTO-GONÇALVES, C. W. *A reinvenção dos territórios: a experiência dos povos e comunidades tradicionais*. Rio de Janeiro: Conflitos Ambientais, 2006.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, L. H. R. *et al.* As Artimanhas de Fazer a Pescaria com o Artefato Espinhel: Saberes e Práticas Geracionais no Currículo da Educação de Jovens e Adultos na Amazônia Bragantina. In: BIANCHESSI, C. (org.). *Diálogos sobre o ensino e a educação: diferentes olhares e contextos*. Curitiba: Bagai, 2024. p. 514-527. v. 4.

TILLEY, C. Materiality in the history of archaeology. In: MILLER, D. (ed.). *Materiality*. Durham: Duke University Press, 2008. p. 1-24.

Agradecimentos

Os autores agradecem o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021 – UNIVERSAL) à pesquisa “Cultura Material da Pesca e a Proposição do Currículo na Educação de Jovens e Adultos Profissional em Bragança, Estado do Pará, Brasil” (processo número 404943/2021-7) e ao Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica – PIVIC da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPEP), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Revisão textual: Ana Conceição Borges de Oliveira,

Submetido em: 10/08/2025

Aprovado em: 28/09/2025